

correntes diversas nos primeiros séculos da era cristã. Os gnósticos, banidos para o ostracismo histórico como heréticos, tinham idéias bem distintas das do catolicismo a respeito da divindade cristã. H.P.Blavatsky mostra a concepção de Marcion, um gnóstico combatido pelos padres do cristianismo dos primeiros séculos:

“Marcion, que não reconhecia nenhum *evangelho* a não ser algumas *Epístolas de Paulo*, que rejeitava totalmente o antropomorfismo do *Antigo Testamento* e que traçou uma firme linha divisória entre o antigo judaísmo e o cristianismo, não via Jesus nem como rei, messias dos judeus, nem como filho de Davi; não estando de forma alguma conectado à lei dos profetas, mas um ser divino enviado para revelar ao homem a religião espiritual, totalmente nova, e um Deus de bondade e graça, até então desconhecido'. Aos seus olhos, o 'Senhor Deus' dos judeus, o criador (Demiurgo), era totalmente diferente e distinto daquela Divindade que enviou Jesus para revelar a verdade divina e pregar a boa nova, para trazer reconciliação e salvação para todos. A missão de Jesus - de acordo com Marcion - era abolir o 'Senhor' judeu, que 'era tão oposto ao Deus e Pai de Jesus Cristo assim como *a matéria é ao espírito, e a impureza da pureza*' " [1]

H.P.B. segue comentando o pensamento *herético* de Marcion:

“(...) Em que aspecto o invejoso, irado e vingativo Deus de Israel se assemelha à divindade desconhecida, o Deus de misericórdia pregado por Jesus; - *seu* Pai que está no Céu, e Pai de toda a humanidade? Apenas esse Pai é o Deus de espírito e pureza, e compará-Lo com a condicionada e caprichosa divindade sinaítica é um erro. Jesus alguma vez pronunciou o nome Jeová? Alguma vez ele confrontou *seu* Pai com esse Juiz severo e cruel; seu Deus de misericórdia, amor e justiça com o gênio judeu da retaliação? Nunca! Desde aquele dia memorável, quando ele pregou seu Sermão na Montanha, um hiato incomensurável se abriu entre seu Deus e aquela outra divindade que fulminava seus mandamentos daquele outro monte - o Sinai. A linguagem de Jesus é inequívoca; ela implica não apenas rebelião, mas desafia o 'Senhor Deus' mosaico.” [2]

É importante esclarecer que havia idéias semelhantes às de Jesus sendo divulgadas desde muito antes daquela época. No livro de *Manu*, assim como em textos budistas, os ideais de fraternidade, perdão e amor incondicional estavam explícitos, somados a preceitos de justiça semelhantes aos dez mandamentos, pilares éticos do judaísmo. Isso demonstra a identidade essencial dos ensinamentos de Jesus com as doutrinas de Buda e Manu, muito mais do que com a rigidez da lei de Moisés:

“(...) Ao buscar um modelo para o seu sistema de ética, por que Jesus teria ido aos pés dos Himalaias em vez de aos pés do Sinai, exceto pelo fato de que as doutrinas de Gautama e Manu se harmonizavam exatamente com a sua própria filosofia, enquanto as de Jeová lhe eram repugnantes e terríveis? Os Hindus ensinavam a retribuir o *mal com o bem*, enquanto o comando de Jeová era: ‘olho por olho e dente por dente’.” [3]

O olhar agudo de HPB se apóia na obra de eruditos de sua época, que estudavam a fundo as escrituras do ponto de vista histórico e de religião comparada, para desfazer essa composição incoerente sobre a qual se assenta a principal religião do mundo ocidental. A lei mosaica serviu a um determinado povo, em um determinado momento histórico. Jesus não contestava a essência dos dez mandamentos – que como é demonstrado – estão também nas escrituras budistas, mas a rigidez vingativa da letra morta que vigorava entre os judeus em sua época. Não há justificativa

ética para que o sistema mosaico fosse trazido a reboque junto com os ensinamentos originalmente cristãos, uma vez que o próprio Jesus o contestava.

A leitura *contextualizada* das escrituras dos diferentes povos e de diferentes épocas, colocando cada fato em seu devido lugar, abre espaço para que mentes e corações possam procurar livremente a verdade espiritual essencial.

NOTAS:

[1] “Isis Unveiled”, Volume II, p. 163, The Theosophy Company, Los Angeles, 1982; e “Isis Sem Véu”, Volume III, p. 143, Ed. Pensamento, São Paulo, 2008.

[2] Idem.

[3] “Isis Unveiled”, Volume II, pp. 164-165, The Theosophy Company, Los Angeles, 1982; e “Isis Sem Véu”, Volume III, p. 144, Ed. Pensamento, São Paulo, 2008.

2. O Evangelho Segundo Helena Blavatsky

Como fica claro pela leitura do texto acima, HPB demonstrou que não há como identificar racionalmente o velho deus vingativo e violento do Velho Testamento com o místico e elevado Pai do Céu de que fala o Jesus do Novo Testamento.

É Verdade que o Deus do Velho Testamento pode ser interpretado, em certas passagens, como a Lei Universal. As suas “vinganças” podem ser entendidas como as compensações cármicas naturais. A sabedoria esotérica também está presente no Velho Testamento, e o judaísmo tem uma ética excelente no Talmude, nas obras de Maimônides, e em inúmeros aspectos da sua vasta literatura. Porém não há dúvida de que identificar o conceito de Deus presente no Velho Testamento com o conceito de Pai do Céu presente no Novo Testamento é uma operação incongruente.

Jesus não só ensinava em parábolas. A própria história da vida dele no Novo Testamento é, ela mesma, uma parábola da vida humana e do caminho de todo grande Iniciado.

Na leitura esotérica do Novo Testamento, a pessoa de Jesus simboliza o sexto princípio da consciência de cada indivíduo, a inteligência espiritual, a compaixão universal. O Pai do Céu simboliza Atma, o sétimo princípio supremo e universal, que manda o seu “Filho” ao mundo material, onde será crucificado pelo egoísmo e pela ignorância até morrer. Depois da morte do corpo físico, o foco da consciência individual “ressuscita” no Devachan, ficando ao lado do “Pai”, Atma. No futuro, haverá uma “Segunda Vinda”, isto é, a reencarnação.

O “dia do julgamento” é, sobretudo, individual. Ele ocorre quando a pessoa morre e o seu carma é auto-examinado à luz de Atma (simbolicamente o “juiz”). Neste momento é determinada, de modo natural e de acordo com a lei do carma, toda a trajetória do foco de consciência, até a próxima encarnação, algo entre mil e quatro mil anos depois.

No “julgamento”, Jesus, símbolo do sexto princípio ou alma espiritual, está livre da crucificação que havia durante a vida física, e fica sentado à direita do Senhor. Ou seja, depois da morte do

corpo físico, Atma, o “Pai”, tem Buddhi, o “Filho”, sempre a seu lado. Atma e Buddhi formam a mônada pitagórica, a individualidade. Eles são dois aspectos do eu superior de todo ser humano. É por isso que Jesus ensina: “O vosso pai sabe do que tendes necessidade antes de pedirdes”. (Mt 6:8)

Antônio Vieira e o Dia do Julgamento.

O conceito de Julgamento tem dois significados principais. Por um lado, há o Julgamento como avaliação de uma longa etapa de evolução da Onda de Vida em nosso Globo, que é algo evidentemente muito raro, do ponto de vista do tempo cronológico a que estamos acostumados. “A Doutrina Secreta” aborda o processo. Por outro lado, temos o conceito de Julgamento como avaliação que ocorre no último instante de uma encarnação individual. Este Julgamento foi abordado, por exemplo, por Antônio Vieira no seu Sermão da Primeira Dominga do Advento, na Capela real, no ano de 1652. [1]

Ali o grande pensador luso-brasileiro do século 17 faz uma análise comparada do “julgamento” global e do “julgamento” individual, que ocorre com a morte física. Ambos são presididos por “Cristo”, isto é, pelo princípio da compaixão universal, que é o princípio da lei do Carma.

Cabe registrar que o enfoque de Vieira, quando corretamente interpretado, é compatível em vários pontos com a filosofia teosófica. Em seus sermões e escritos, Vieira fala de “cristianismo místico”. Ele defendeu ativamente a ética na política, protegeu os direitos dos indígenas, foi amigo dos judeus, e o seu messianismo sebastianista tinha muito em comum com o joaquimismo e o franciscanismo, movimentos que foram considerados heréticos e sofreram perseguição, porque rompiam com a letra morta do igrejismo ritualista. Por causa disso, Vieira teve a oportunidade de passar vários anos como hóspede da Inquisição, preso a um dos seus cárceres. Escapou por pouco da morte e da tortura na mão dos representantes de “Deus”. Mais tarde a transcrição dos seus interrogatórios foi publicada em forma de livro. [2]

NOTA:

[1] “Sermões”, Antônio Vieira, Vol. IV, Ed. das Américas, SP, 1957, 442 pp., Veja todo o sermão da primeira domingo, especialmente pp. 37-53.

[2] “Os Autos do Processo de Vieira na Inquisição”, Edição e Transcrição de Adma Muhana, Ed. UNESP, 1995, 460 pp.

Os Conflitos e a Fraternidade

A Lei da Fraternidade Opera em Meio aos Contrastes

O movimento teosófico moderno tem como meta ser um núcleo pioneiro da fraternidade universal do futuro, e é isso mesmo que ele constitui, apesar dos seus defeitos. Já foi dito que, no plano interno da realidade, o gesto simples e humilde de associar-se à Loja Unida de Teosofistas simboliza a decisão de entrar mais conscientemente na corrente ampla dos que estudam a teosofia autêntica como meio de compreender o mistério da fraternidade entre todos os seres.

A fraternidade é um mistério, porque ela opera em meio aos contrastes. Quantas vezes outras pessoas causaram sofrimento a nós, quando apenas buscavam ser felizes, ou mesmo tentavam ajudar-nos? Quantas vezes causamos dor aos outros, com a melhor das intenções? E quantas vezes, no meio de um conflito cego, as boas intenções são deixadas de lado?

A fraternidade não é um anestésico contra a dor. Mas ela funciona como uma lei inevitável. Ela é a lei da compensação – da justiça dinâmica – que produz sempre um conjunto de compensações proporcionais para cada ação, e vai ensinando a cada um que, a longo prazo, todos os seres são irmãos na grande caminhada evolutiva.

Não está ao nosso alcance viver sem qualquer forma de atrito. Há atrito, por exemplo, entre diferentes emoções em nosso mundo interno. Há conflito entre emoções e pensamentos, entre pensamentos e pensamentos, entre intuições e pensamentos, entre os desejos e a realidade. Há conflitos entre pessoas e grupos sociais. Há conflitos familiares, no trabalho, entre classes sociais, entre países, entre religiões e entre escolas de pensamento e de filosofia. Estes conflitos podem ser pouco agradáveis. Mas eles constituem, na verdade, o próprio processo de harmonização constante imposto pela lei da vida.

Todo conflito aberto é a explicitação de uma tarefa harmonizadora. Antes havia um conflito em potencial, mas agora ele deve ser examinado e exercido até que se dissolva, e até que aquela área da vida se harmonize. A questão decisiva não é, pois, se há conflito. O conflito e o sofrimento fazem parte da vida orgânica, e correspondem à primeira nobre verdade do senhor Buddha. O aprendiz da sabedoria é descrito como um guerreiro que deve estar vigilante a cada instante. Entre seus inimigos estão a indolência e a impulsividade. Sua espada é o discernimento que nasce de uma mente atenta movida por uma vontade férrea de perceber a verdade e de optar por ela.

O conflito é parte da vida, mas devemos saber como exercemos o conflito, quando ele ocorre. Devemos examinar de que modo o encaramos, o que fazemos com ele, qual a nossa meta diante dele e durante a sua permanência. A fraternidade universal ocorre através da eterna reciclagem de todos os seres. Quando vivemos o conflito inteligentemente, abrimos caminho para uma harmonia de ordem superior. Aquele que supera a auto-identificação com os níveis inferiores e separativos de consciência é capaz de compreender o mistério da unidade de tudo o que existe, e sofre menos com as dificuldades típicas de toda existência orgânica. Na paz que transcende o conflito sem negar a sua existência, o estudante encontra o nível superior e mais verdadeiro da fraternidade que é universal.

Jiddu Krishnamurti e a Teosofia

O Avatar Que Propõe o Não-Funcionamento do Cérebro

Um membro do e-grupo **SerAtento** solicitou esclarecimentos sobre a verdadeira relação entre o pensamento de Jiddu Krishnamurti e a teosofia original. A pergunta é relevante, porque Krishnamurti ainda é visto como uma fonte de inspiração por grande número de teosofistas e esoteristas bem intencionados. Uma observação isenta e equilibrada da obra de Krishnamurti

mostra que ele faz claramente o seguinte, em seus livros e vídeos:

- 1) Ignora a existência da lei do carma.
- 2) Desconhece a existência da lei da reencarnação.
- 3) Ignora a existência do discipulado.
- 4) Nega a existência de um Caminho a ser percorrido laboriosamente e por mérito próprio.
- 5) Ignora a existência de Mestres, ou Iniciados em Ciência Esotérica.
- 6) Desconhece a existência de uma Ciência ou Filosofia Esotérica.
- 7) Desconhece a existência de um Eu Superior ou alma imortal presente no eu inferior.
- 8) Ignora a importância do estudo das escrituras das diferentes religiões antigas.
- 9) Desconhece a existência de uma tradição esotérica autêntica.
- 10) Nega ou ignora a importância do movimento teosófico.
- 11) Nega a importância da Razão e do raciocínio, e descreve o pensamento como processo nocivo ao bem-estar humano.

Ou seja, Krishnamurti ignora todos os ensinamentos teosóficos, e contradiz a maior parte deles. Como se pode explicar uma atitude tão contrária à razão? Ocorre que o pensamento convencional – mecanicista, frio, sem ética e sem emoção nobre, mesclado apenas à astúcia – gera, frequentemente, uma reação emocional pela qual se trata de negar o pensamento como se ele fosse ruim em si mesmo.

Então o pensamento passa a ser visto como algo inútil, ou, pior ainda, como algo prejudicial. Jiddu Krishnamurti caiu nesta grave ilusão, e suas obras têm levado milhares de pessoas para o terreno ilusório da negação da razão e do desprezo pelo raciocínio. O que precisamos fazer, para resgatar a sabedoria e a paz, é reforçar a relação direta entre pensamento, emoção e ação. Desprezar o pensamento – ou, no outro extremo, optar por um raciocínio frio e sem sentimentos – tem como efeito interromper, parcial ou totalmente, antahkarana, a ponte entre eu superior e eu inferior.

Reunindo o pensar com o sentir e o atuar, atraímos a presença do eu superior. Devemos amar o que pensamos e pensar o que amamos. O pensamento correto convive bem com as emoções sinceras. Ele convive bem com o silêncio. E disso surge a ação correta.

É recomendável lembrar que os estados de consciência realmente meditativos transcendem o pensamento, mas não o negam, nem o desprezam. A consciência do eu superior transcende o corpo físico, também. Mas não o despreza, antes o valoriza como instrumento valioso da Caminhada Maior. Para que a aprendizagem seja feita com eficácia, os sete níveis de consciência devem ser valorizados e usados corretamente.

O que dizer sobre a tentativa, feita no século vinte, de convencer o mundo de que Krishnamurti era o Messias dos novos tempos? Há um texto a respeito no site www.filosofiaesoterica.com. O link direto é : <http://www.filosofiaesoterica.com/ler.php?id=531> . Também há um caminho alternativo para localizar o artigo. Estando no site www.filosofiaesoterica.com, basta clicar na lista de textos por autor, clicar novamente em “Carlos Cardoso Aveline” e selecionar o título “Fabricando um Avatar”.

Agradecer Pelas Dificuldades. “As coisas estão difíceis para vocês? Neste caso, é hora de fazer mais força para avançar no rumo que vocês conhecem. Isso destruirá inevitavelmente todos os obstáculos, e, se houver persistência *durante a tensão*, produzirá e manterá uma maior capacidade de resistência. Todos os que estão no Caminho passam por obstáculos similares; ao enfrentá-los e vencê-los vocês se tornam professores que sabem como ajudar. Se vocês não tivessem obstáculos, não saberiam como ajudar. Agradeçam ao Carma pelos obstáculos.” [A Book of Quotations From Robert Crosbie”, Theosophy Co., Índia, pp.14-15.]

Olhar o Presente e Perceber o Futuro

O Momento Humano Atual Faz Parte de uma Evolução Imensa

Aprendemos em “A Doutrina Secreta” que tudo na Natureza procede e evolui por ciclos. Tudo pulsa ao ritmo do Movimento Perpétuo. Universos vêm à existência e se dissolvem continuamente. Incontáveis seres entram em atividade durante a Manifestação e voltam a sumir nas Trevas Insondáveis, ciclicamente.

Numa altura em que a humanidade e o planeta atravessam um período conturbado da sua história, continuam a existir muitas pessoas que, leviana e irresponsavelmente, não assumem que o momento é delicado e que urge tomar medidas para corrigir o rumo decadente da civilização. Por outro lado, temos algumas pessoas que defendem que corremos o perigo de destruir o planeta.

Importa dizer o seguinte: a Humanidade não se encontra em perigo. A hierarquia dos grandes sábios que vela pela evolução planetária está ativa e sabe o que faz.

É um fato que não precisamos de mais provas para constatar que as escolhas de uns influenciam decisivamente o presente e o futuro de muitos. Tudo depende de como a humanidade escolherá viver e ultrapassar este momento do seu percurso. Se de uma forma mais ou menos dolorosa, evitando uma grande dose de sofrimento, ou se escolhendo um caminho de maior dor. De uma forma ou de outra, o planeta continuará girando.

Civilizações surgiram e desapareceram, povos prosperaram e caíram em decadência, terras se ergueram e outras se afundaram, novas formas apareceram e outras se extinguíram, tal é a cadência da evolução. Isso mesmo nos afirma H. P. Blavatsky em “A Doutrina Secreta”:

“As Raças humanas nascem umas das outras, crescem, desenvolvem-se, tornam-se decrépitas e morrem. As sub-raças e as nações seguem a mesma regra.” [1]

Cabe aqui uma breve nota entre parênteses. As diferentes culturas e tradições dos diversos povos do mundo estão cheias de “vestígios” – histórias, contos, lendas, mitos, registros – que nos falam da magnífica, dramática e antiga história da humanidade. Uma coleta extraordinária e um estudo exaustivo de todas essas evidências foram feitos por Helena Blavatsky, tendo ela deixado esse intenso labor registrado nos milhares de páginas que escreveu, em particular nas monumentais “Ísis sem Véu” e “A Doutrina Secreta”. É bom que isto fique claro, para que não nos esqueçamos que é nosso dever (e também a nossa maior satisfação) manter esta linha orientadora original de

trabalho, de coleta, de estudo e de apresentação de EVIDÊNCIAS da presença da Eterna Sabedoria sobre a Terra e da verdadeira origem do ser humano. Ao levarmos por diante esta tarefa capacitamo-nos a ser cada vez mais úteis à Vida.

Fechando parênteses, talvez seja útil e ao mesmo tempo inspirador, lançar o nosso olhar em direção ao futuro, através da ação dos impulsos cíclicos sobre o percurso evolutivo. Aprendemos que assim como as estações se sucedem ciclicamente, sobrepondo-se umas às outras durante os períodos de transição, assim como o dia vai nascendo quando a noite ainda não terminou, o mesmo acontece com as raças, sub-raças e demais acontecimentos.

Lemos em “A Doutrina Secreta”:

“Muitos milhões de anos são passados desde o começo da Raça Atlante, e, não obstante, vemos ainda os últimos Atlantes mesclados com o elemento Ariano, desde há 11 mil anos.” [2]

Na verdade, temos atualmente sobre a terra não só cinco sub-raças da quinta Raça-Raiz (estando já no advento do surgimento da sexta sub-raça) como também várias sub-raças da antiga quarta Raça Atlante, e ainda das antigas sub-raças da terceira Raça-Raiz.

Isso mesmo afirma a DS:

“É uma prova da considerável superposição de uma Raça na que lhe sucede, perdendo a mais velha as qualidades características do seu tipo e assumindo os novos traços da mais jovem. Isto se verifica em todas as formações de raças humanas mescladas. Ora, a Filosofia Oculta ensina que, até mesmo atualmente, sob as nossas próprias vistas, a nova Raça e as novas raças estão em via de formação (...)” [3]

À luz destes ensinamentos, como poderemos então caracterizar o período atual, os acontecimentos geológicos, climáticos, sociais, econômicos, políticos, etc.? Uma boa imagem será, como já alguém disse, a de que o planeta e a humanidade vivem as “dores de parto” de uma nova consciência, o lento despertar de uma nova civilização.

Convém referir a importância da expressão “lento despertar”. Diremos ainda melhor se dissermos “lento e silencioso despertar”. HPB afirma que daqui a umas centenas de anos começará a surgir mais nitidamente a sexta sub-raça e que só daqui a uns milhares de anos se iniciará a gestação da sétima sub-raça. Num futuro ainda mais longínquo surgirá finalmente a sexta Raça-Raiz, e mais tarde a sétima Raça-Raiz.

Não esqueçamos que a cada nova sub-raça e raça correspondem também novas terras e continentes, condições geológicas e climáticas, nova fauna, flora, etc.

Voltando às palavras de HPB, que revelam uma sábia prudência:

“Quando se dará isso? Quem o sabe! Talvez somente os grandes Mestres de Sabedoria; e estes permanecem tão silenciosos sobre o assunto como os nevados picos que se erguem diante deles.” [4]

E finalizando, diz ela:

“Os ciclos de Matéria serão seguidos por Ciclos de Espiritualidade e de completo desenvolvimento mental. Segundo a lei da analogia da história e das raças, a maioria da futura Humanidade compor-se-á de Adeptos gloriosos. A Humanidade é filha do Destino Cíclico, e nem uma das suas Unidades pode fugir à sua missão inconsciente, nem alijar-se da carga de seu trabalho cooperativo na obra da Natureza. Assim a Humanidade, raça após raça, há de levar a cabo sua Peregrinação Cíclica. Os climas mudarão, e já principiaram a mudar (...)” [5]

Vivemos num período decisivo na evolução da humanidade. Importa permanecer lúcidos, com os pés na terra e os olhos no futuro. HPB afirma que os climas “já principiaram a mudar” (como podemos confirmar atualmente), prenúncio de uma alteração no planeta que importa compreender.[6]

NOTAS:

[1] “The Secret Doctrine”, H.P.Blavatsky, Theosophy Co., Los Angeles, Vol. II, p. 443-444. Na edição de língua portuguesa: “A Doutrina Secreta”, H. P.Blavatsky, Pensamento, São Paulo, Vol.III, p.462.

[2] “A Doutrina Secreta”, H. P.Blavatsky, Pensamento, Vol.III, p.462.

[3] Idem.

[4] Idem: Vol.III, p.464.

[5] Idem.

[6] Veja o texto “A Chegada do Novo Ciclo”, que se encontra na seção “A Crise Ambiental e a Civilização do Futuro ” do website www.filosofiaesoterica.com .

Optando Entre o Perene e o Perecível

Pergunta:

Até que ponto a teosofia considera o eu pessoal como algo insignificante ou desprezível?

Comentário:

Como instrumento, o pequeno eu é de fundamental importância, e deve ser muito bem tratado. Ele só é realmente insignificante quando pretende ocupar o lugar da Alma Imortal, que constitui ao mesmo tempo a essência, a fonte e o destino final da sua própria existência como “eu” mortal.

Uma causa básica do sofrimento está no hábito de olhar para o transitório como se fosse permanente, e para o permanente como se fosse transitório. Esta confusão entre o perene e o perecível mostra a relação entre ignorância e dor.

Pensemos no estudo do processo da reencarnação , com suas várias etapas, desde o minuto em que ocorre a morte física , passando pelo kama-loka e o devachan, até o reencontro – de mil a

quatro mil anos depois – com o carma acumulado das existências anteriores; um reencontro que causará o renascimento. O mero fato de estudar estes temas liberta o estudante das camadas mais profundas do medo da morte. Ele fica então mais livre para ver a atual encarnação como Instrumento de algo maior.

Quando o estudante percebe de fato em si mesmo aquilo que é eterno, e aquilo que é passageiro, ele passa a tomar providências práticas para colocar sua vida menor – a vida física do eu inferior – a serviço da vida maior, a vida do seu Eu interno.

Vejamos um exemplo. Quando uma pessoa com mais de 40 anos fica surpresa e contrariada com o “seu envelhecimento” – na verdade, com o envelhecimento do seu corpo físico –, ela está ficando surpresa com algo aparentemente muito óbvio, porque ela sabe que todos os corpos físicos envelhecem e morrem.

Por que há a surpresa ou contrariedade diante de algo que é tão bem conhecido? Por que motivo surgem o assombro e a perplexidade, diante da morte do nosso pai, da nossa mãe, do avô ou avó? A razão é que sentíamos pré-conscientemente que a essência do ser humano – a essência nossa e a essência dos que são próximos a nós – não envelhece e não morre. Há uma vocação natural para a imortalidade, e ela vem do nível imortal do nosso ser. Por isso a morte surpreende. Mas a vocação de imortalidade só se realizará de fato nos planos superiores da vida.

Há, pois, uma grande linha divisória a perceber: a linha divisória entre o perene e o perecível. Esta percepção nos permite optar pelo que é essencial. Não se trata de desprezar o mundo inferior, mas de adaptá-lo, colocando-o a serviço do eu superior.

Libertado das ilusões, vendo o perene como perene e o transitório como transitório, o eu inferior tem prazer de estar a serviço de algo maior do que ele próprio. É isso o que fazem os indivíduos que dedicam sua vida a um ideal. Eles têm prazer de se colocar a serviço de algo maior.

A vida física é algo absolutamente sagrado em sua transitoriedade, e sua importância pode ser reconhecida quando a vemos como algo necessário para o avanço da alma espiritual.

A grande tarefa evolutiva da humanidade é fazer a ponte entre o espiritual e o físico. Os dois são necessários: a vida é a reunião cíclica do eterno com o transitório.

www.vislumbresdaoutramargem.blogspot.com

Blog Português Amplia Espaço para Teosofia

O importante blog português www.vislumbresdaoutramargem.blogspot.com vem ampliando o espaço que dedica à teosofia. Ao visitar “Vislumbres da Outra Margem”, o leitor vê logo de entrada a seção temática “Teosofia e Movimento Teosófico”.

Uma nota dos editores, escrita especialmente para “O Teosofista”, explica o projeto:

“O blog é um espaço de cidadania, de incentivo à reflexão e ao questionamento da cultura oficial instalada; um ponto de partilha de iniciativas, nas mais diversas áreas do pensamento humano, que contribuam para um mundo mais justo, belo, livre e fraterno. Divulgamos perspectivas e iniciativas de diversos autores, instituições e organizações que, de algum modo, contribuam para o esclarecimento e o aprofundamento de questões importantes do presente e do futuro. Porque consideramos que o mais importante é enfrentar as verdadeiras causas do sofrimento humano, não ficando apenas pelos efeitos e nas acções confinadas à epiderme dos problemas, damos uma especial importância ao estudo, à vivência e à divulgação da Teosofia, ou Ciência Esotérica.”

Os editores do blog têm um recado para cada leitor português de “**O Teosofista**”:

“Se reconhece a importância da Teosofia original tal como apresentada por Helena Blavatsky, então entre em contacto connosco. Teremos todo o gosto em conversar e partilhar ideias com você. Pode nos contactar para vislumbresdaoutramargem@gmail.com .”

00000000000000000000

Como Expandir o Movimento Teosófico.

Helena Blavatsky escreveu:

“Para a expansão do movimento teosófico – um canal útil para a irrigação dos campos ressequidos do pensamento contemporâneo com as águas da vida – Lojas são necessárias em todo lugar. Não meramente grupos de simpatizantes passivos, tais como os exércitos adormecidos de frequentadores de igrejas, cujos olhos estão fechados enquanto o ‘demônio’ varre o chão; não, isso não. São necessárias Lojas ativas, profundamente despertas, dedicadas, inegoístas, cujos membros não estarão revelando constantemente o seu próprio egoísmo ao perguntar: ‘o que é que nós ganhamos ao aderir à sociedade teosófica, e em que isso pode nos prejudicar?’; mas estarão examinando a seguinte questão: ‘será que nós podemos ajudar substancialmente a humanidade ao trabalhar por esta boa causa com todos nossos corações, nossas mentes, e nossas forças?’.”

[“Lodges of Magic”, artigo publicado em “Theosophical Articles”, H. P. Blavatsky, coletânea em três volumes, Theosophy Co., volume I, ver p. 290.]

Caminho Fácil Não é Verdadeiro.

“Não fique desencorajado; não há motivo para isso. Nada que é feito com facilidade é realmente muito bom, ou durável. Deve haver aborrecimentos e tensões de vez em quando.” [“Letters That Have Helped Me”, William Q. Judge, Theosophy Co., Los Angeles, 1946, 300 p., p.168.]

000

